rama II

parte 2 de 2

arthur c. clarke e gentry lee

Tradução de Rui Azeredo

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO
TRINTA E DOIS

Explorador de Nova Iorque

A minúscula campainha no seu relógio de pulso despertou o Dr. Takagishi de um sono profundo. Por uns momentos sentiu-se desorientado, incapaz de recordar onde estava. Sentou-se na sua cama de campanha e esfregou os olhos. Acabou por se recordar que estava no interior de Rama e que o alarme fora programado para o acordar depois de cinco horas de sono.

Vestiu-se às escuras. Quando terminou, pegou num saco grande e remexeu no interior durante vários segundos. Satisfeito com o seu conteúdo, pôs a alça ao ombro e avançou para a porta da cabana. O Dr. Takagishi espreitou com cautela. Não via luzes em qualquer das outras cabanas. Inspirou fundo e saiu em bicos de pés pela porta.

O maior especialista do mundo em Rama abandonou o acampamento em direção ao Mar Cilíndrico. Quando chegou à costa desceu com cuidado os degraus até ao penhasco com cinquenta metros de altura. Takagishi sentou-se no degrau do fundo, escondido contra a base do penhasco. Retirou do saco uns pitões especiais e prendeu-os à sola dos sapatos. Antes de caminhar pelo gelo, o cientista calibrou o seu navegador pessoal para poder manter um rumo constante assim que virasse à esquerda no litoral.

Quando estava a uns duzentos metros da costa, o Dr. Takagishi enfiou a mão no bolso e retirou o monitor meteorológico portátil. Largou-o no

gelo, chocalhando bruscamente na noite tranquila. Takagishi recolheu-o uns segundos mais tarde. O monitor indicou-lhe que a temperatura era de dois graus Celsius negativos e que corria um vento leve de cinco quilómetros por hora sobre o gelo.

Takagishi inalou profundamente e espantou-se com um odor peculiar, mas familiar. Espantado, voltou a inalar, desta vez concentrando-se no cheiro. Não lhe restaram dúvidas — cheirava a cigarro! Apagou apressadamente a lanterna e imobilizou-se no gelo. A sua mente entrou em sobrecarga, em busca de uma explicação. De entre os cosmonautas, Francesca Sabatini era a única que fumava. Teria ela, de alguma forma, seguido Takagishi quando ele abandonou o acampamento? Teria visto a luz dele quando consultou o monitor meteorológico?

Pôs-se à escuta de ruídos, mas nada se manifestou na noite ramana. Ainda assim, esperou. Quando o cheiro a cigarro já desaparecera há uns minutos, o Dr. Takagishi prosseguiu a sua caminhada sobre o gelo, parando a cada quatro ou cinco passos para se assegurar de que não era seguido. Ao fim de algum tempo convenceu-se de que Francesca não seguia atrás dele. No entanto, o cauteloso Takagishi não ligou a sua lanterna até se ter afastado mais de um quilómetro e ter ficado preocupado com a possibilidade de se ter desviado do caminho.

No total, levou quarenta e cinco minutos a chegar à outra ponta do mar e à cidade insular de Nova Iorque. Quando se viu a uma centena de metros da costa, o cientista japonês pegou numa lanterna maior que tinha no saco e acendeu o seu potente foco. As silhuetas fantasmagóricas dos arranha-céus geraram-lhe um revigorante arrepio na espinha. Finalmente, chegara lá! Finalmente, poderia procurar as respostas às perguntas para a sua carrada de questões sem ter de se sujeitar à agenda arbitrária de terceiros.

O Dr. Takagishi sabia exatamente aonde queria ir em Nova Iorque. Cada uma das três secções circulares da cidade ramana encontrava-se por sua vez subdividida em três porções angulares, como uma tarte fatiada. Ao centro de cada uma das três secções principais havia um núcleo central, ou praça, em redor do qual se distribuíam os restantes edifícios e ruas. Em rapaz, em Quioto, depois de ler tudo o que encontrara sobre a primeira expedição a Rama, Takagishi imaginou qual seria a sensação de estar no centro de uma daquelas praças alienígenas e olhar para o alto, para os prédios criados por seres de outra estrela.

Takagishi estava certo de que não só os segredos de Rama poderiam ser compreendidos estudando Nova Iorque, como também que as suas três praças muito provavelmente conteriam pistas sobre o misterioso propósito do veículo interestelar.

O mapa de Nova Iorque desenhado pelos primeiros exploradores de Rama estava tão vincadamente gravado na mente de Takagishi quanto o mapa de Quioto, onde nascera e fora criado. Mas a primeira expedição ramana dispusera apenas de um tempo limitado para inspecionar Nova Iorque. Das nove unidades funcionais, apenas uma tinha sido mapeada em pormenor; os cosmonautas anteriores simplesmente assumiram, com base em observações limitadas, que todas as outras unidades eram idênticas.

À medida que o passo apressado de Takagishi o levava para o silêncio pressagiador de uma parte do setor central, começaram a emergir algumas diferenças subtis entre este segmento em particular de Rama e aquele estudado pela tripulação da *Newton* (tinham observado uma fatia adjacente). A disposição das ruas grandes nas duas unidades era a mesma; no entanto, ao aproximar-se da praça, as ruas mais pequenas resultaram num padrão ligeiramente diferente do que fora reportado pelos primeiros exploradores. A faceta de cientista de Takagishi obrigou-o a parar com frequência para anotar no seu computador de bolso todas as variações.

Entrou na região que rodeava a praça, onde as ruas se abriam em círculos concêntricos. Atravessou três avenidas e deu por si parado em frente de um enorme octaedro, com uns cem metros de altura, cujo exterior era espelhado. O potente facho da sua lanterna refletiu na superfície e depois saltou de edifício em edifício à volta dele. O Dr. Takagishi caminhou vagarosamente em redor do octaedro, em busca de uma entrada, mas sem dar com alguma.

Do outro lado da estrutura com oito lados, no centro da praça, havia um amplo espaço circular desprovido de edifícios altos. Shigeru Takagishi percorreu deliberadamente todo o perímetro do círculo, estudando os edifícios envolventes enquanto caminhava. Não obteve quaisquer novas perspetivas sobre o propósito das estruturas. Quando se virou para o interior a intervalos regulares para observar a praça, nada viu de invulgar ou digno de registo. Ainda assim, introduziu no seu computador a localização das muitas caixas metálicas, pequenas e discretas, que dividiam a praça.

Quando deu por si de novo diante do octaedro, o Dr. Takagishi enfiou

a mão no saco e retirou uma fina placa hexagonal densamente coberta por equipamento eletrónico. Instalou o aparelho científico na praça, a três ou quatro metros do octaedro, e seguidamente passou dez minutos a verificar com o seu transcetor se todos os instrumentos científicos funcionavam em condições. Quando o cientista japonês terminou a verificação, abandonou rapidamente a zona da praça e rumou ao Mar Cilíndrico.

Takagishi estava ao meio da segunda avenida concêntrica quando ouviu um ruído curto de um estouro atrás dele, na praça. Virou-se para trás, mas não se moveu. Uns segundos mais tarde, escutou um som diferente. Takagishi reconheceu da primeira incursão, tanto o arrastar de escovas metálicas como a cantoria de alta frequência associada. Apontou a lanterna na direção da praça. O som parou. Desligou a lanterna e parou silenciosamente a meio da avenida.

Uns minutos mais tarde, o arrastar da escova recomeçou. Takagishi atravessou furtivamente as duas avenidas e afastou-se do octaedro na direção do ruído. Quando estava quase na praça um *bip, bip* oriundo do seu saco desconcentrou-o. Quando desligou o alarme, que indicava que o dispositivo científico que instalara na praça já avariara, abateu-se um silêncio absoluto sobre Nova Iorque. Uma vez mais, o Dr. Takagishi aguardou, mas desta vez o som não se repetiu.

Inspirou fundo para se acalmar e reunir coragem. A sua curiosidade lá conseguiu vergar o medo e o Dr. Takagishi regressou à praça em frente do octaedro para verificar o que acontecera ao equipamento. A sua primeira surpresa foi verificar que o pacote hexagonal desaparecera do local onde o deixara. Para onde poderia ter ido? Quem ou o quê poderia tê-lo levado?

Takagishi sabia estar na iminência de uma descoberta científica de importância avassaladora. Mas ao mesmo tempo sentia-se aterrorizado. Combatendo um tremendo desejo de fugir, apontou a sua grande lanterna em volta da praça, na esperança de descobrir uma explicação para o desaparecimento do posto científico. O foco refletiu num pequeno pedaço de metal uns trinta ou quarenta metros mais perto do centro do largo. Takagishi percebeu de imediato que o reflexo vinha do conjunto de instrumentos e apressou-se a ir até lá.

Ajoelhou-se e examinou os dispositivos eletrónicos. Não havia danos evidentes. Acabara de pegar no seu transcetor para encetar uma verificação metódica a todos os instrumentos quando reparou num objeto como corda

com cerca de quinze centímetros de diâmetro, no limite do raio de luz da lanterna que iluminava o pacote científico. Com a lanterna na mão, o Dr. Takagishi avançou até ao objeto. Tinha riscas pretas e douradas e estendia-se por uma dúzia de metros, desaparecendo para trás de um estranho abrigo de metal com uns três metros de altura. Tateou a corda espessa. Era macia e felpuda em cima. Quando tentou rodá-lo, para sentir a parte inferior, o objeto começou a mover-se. Takagishi largou-o de imediato e viu-o a deslizar lentamente na direção do abrigo. O movimento foi acompanhado pelo som de escovas a arrastar em metal.

O Dr. Takagishi ouvia o som da própria batida do seu coração. Uma vez mais combateu a vontade de fugir, recordando as suas meditações ao alvorecer, enquanto estudante universitário, no jardim do seu mestre zen. Não sentiria medo. Ordenou aos seus pés que marchassem na direção do barracão.

A corda preta e dourada desapareceu. Abateu-se o silêncio sobre a praça. Takagishi abeirou-se do abrigo com a lanterna apontada ao chão no ponto onde vira pela última vez a grossa corda. Dobrou a esquina e apontou a luz ao barracão. Não acreditou no que viu. Uma massa de tentáculos pretos e dourados contorcia-se sob a luz.

Um guincho de alta frequência explodiu de repente nos seus ouvidos. O Dr. Takagishi espreitou sobre o ombro esquerdo e ficou estupefacto. Os olhos quase lhe saltavam das órbitas. O seu grito perdeu-se com a intensificação do ruído e três tentáculos estenderam-se para lhe tocar. As paredes do seu coração cederam e ele desabou, já morto, sob o aperto da espantosa criatura.

CAPÍTULO
TRINTA E TRÊS

— Almirante Heilmann?

— Sim, general O'Toole.

— Está sozinho?

— Estou, sim. Acordei há uns minutos. Ainda falta mais de uma hora para a minha reunião com o Dr. Brown. Porque é que me liga tão cedo?

— Enquanto o senhor dormia, recebi uma mensagem secreta e codificada do quartel-general do CDG. É sobre a Trindade. Queriam saber o estado da Trindade.

— Como assim, general?

— Esta linha é segura, almirante? Desligou o gravador automático?

— Desliguei agora.

— Fizeram duas perguntas. O Borzov morreu sem revelar o seu RQ? Mais alguém da tripulação estava a par da Trindade?

— Conhece as respostas a ambas as perguntas.

— Queria ter a certeza de que não falou com o Dr. Brown. Insistiram que eu verificasse consigo antes de codificar a minha resposta. O que pensa que se trata?

— Não faço ideia, Michael. Talvez alguém lá na Terra esteja a ficar nervoso. A morte do Wilson deve tê-los assustado.

— A mim sem dúvida que assustou. Mas não ao ponto de pensar na Trindade. Será que sabem algo que nós desconhecemos?

— Bem, acho que vamos descobrir em breve. Todos os dirigentes da AEI têm insistido que devemos evacuar de Rama assim que seja possível. Nem sequer apreciaram a nossa decisão de deixar primeiro a tripulação descansar por umas horas. Desta vez, acho que não vão mudar de ideias.

— Almirante, recorda aquela discussão sobre hipóteses que tivemos com o general Borzov durante a viagem, acerca das condições sob as quais ativaríamos a Trindade?

— Vagamente. Porquê?

— Ainda discorda da insistência dele de que devemos saber *porque* é convocada a contingência Trindade? Disse na altura que se a Terra achasse que era iminente um grande perigo, não precisava de compreender a razão.

— Lamento, mas não percebo aonde quer chegar, general. Porque me faz essas perguntas?

— Otto, gostaria de ter a sua permissão, ao codificar a resposta ao quartel-general militar do CDG, para descobrir porque perguntam sobre o estado da Trindade neste momento em particular. Se corremos perigo, temos o direito de saber.

— Pode pedir informações adicionais, Michael, mas aposto que a inquirição deles é apenas rotineira.

Janos Tabori despertou quando ainda reinava a escuridão em Rama. Ao vestir o seu fato de voo, tomou nota mentalmente das atividades que seriam exigidas para transportar o caranguejo biótico para a *Newton*. Se fosse confirmada a ordem para abandonar Rama, partiriam pouco depois de amanhecer. Janos consultou os procedimentos formais de evacuação guardados no seu computador de bolso e atualizou-os acrescentando novas tarefas associadas ao biótico.

Consultou o seu relógio. O amanhecer ocorreria dentro de quinze minutos, partindo do princípio, claro, de que o ciclo diurno de Rama era regular. Janos riu-se sozinho. Rama gerara já tantas surpresas que não havia a certeza de que as luzes regressariam à hora prevista. Contudo, se o fizessem, Janos queria assistir ao «nascer do sol» ramano. Poderia tomar o pequeno-almoço depois de amanhecer.

A uns cem metros da sua cabana, o caranguejo biótico enjaulado

encontrava-se imóvel, como estivera desde que fora içado na véspera de junto dos seus companheiros. Janos fez incidir a luz da sua lanterna através da parede dura e transparente da jaula e verificou se haveria sinais de que o biótico se teria movido durante a noite. Depois de ter concluído que não mudara de posição, Janos afastou-se do acampamento Beta na direção do mar.

Enquanto esperava pela explosão de luz, deu por si a pensar no final da sua conversa com Nicole na noite anterior. Havia algo estranho na sua revelação inesperada sobre a possível causa da dor do general Borzov na noite em que morrera. Janos recordava-se vividamente do apêndice saudável; e não restavam dúvidas de que o diagnóstico inicial se revelara incorreto. Mas, porque é que Nicole não falara com ele sobre o diagnóstico de confirmação de drogas? Em especial se ela estava a investigar o assunto…

Janos chegou à incontestável conclusão de que ou a Dra. Des Jardins perdera a confiança nas capacidades dele ou, de alguma forma, suspeitava de que ele próprio tivesse administrado as drogas ao general Borzov sem a consultar. De uma forma ou de outra, teria de descobrir o que ia na cabeça dela. A seguir, sobreveio-lhe uma ideia estranha, nascida dos seus próprios sentimentos de culpa. *Será possível,* refletiu ele, *que a Nicole sabe do projeto Schmidt e Hagenest e desconfia de nós os quatro?*

Pela primeira vez, Jonas questionou-se se a dor do general Valeriy Borzov não seria efetivamente natural. Recordou a reunião caótica dos quatro, duas horas depois de David Brown ter sabido que seria deixado a bordo da *Newton* aquando da primeira incursão.

— Tem de falar com ele, Otto — dissera um frustrado Dr. Brown ao almirante Heilmann. — Tem de convencê-lo a mudar de ideias.

Otto Heilmann admitira então que era improvável que o general Borzov alterasse os destacamentos pessoais com base no seu pedido.

— Nesse caso — reagira furiosamente o Dr. Brown —, podemos dizer adeus a todos os prémios de incentivo previstos nos nossos contratos.

Ao longo da reunião, Francesca Sabatini permanecera calada e aparentemente despreocupada. Quando ia a sair, Janos ouviu por acaso o Dr. Brown a repreendê-la.

— E porque é que estás tão calma? — perguntara ele. — Estás para perder tanto quanto todos os outros. Ou tens um plano que eu desconheço?

Janos vislumbrara o sorriso de Francesca por uma mera fração de

segundo. Mas dissera a si mesmo na altura que ela parecera estranhamente confiante. Agora, enquanto o cosmonauta Tabori esperava que amanhecesse em Rama, esse sorriso regressou para atormentá-lo. Com o conhecimento que Francesca tinha sobre drogas, estaria sem dúvida ao seu alcance ministrar algo ao general Borzov que induzisse os sintomas de apendicite. Mas teria ela feito algo tão… tão descaradamente desonesto, apenas para potenciar o valor do seu projeto mediático pós-missão?

Uma vez mais, Rama foi inundada instantaneamente por luz. Como sempre, tratou-se de um banquete para a vista. Janos rodou lentamente, olhando em todas as direções e estudando ambas as taças da imensa estrutura. Com a luz a brilhar então intensamente, resolveu que iria falar com Francesca na primeira oportunidade.

Estranhamente, foi Irina Turgenyev a lançar a pergunta. Os cosmonautas tinham praticamente terminado o pequeno-almoço. O Dr. Brown e o almirante Heilmann, na realidade, já tinham abandonado a mesa para levar a cabo mais uma das suas intermináveis conferências com a direção da AEI.

— Onde está o Dr. Takagishi? — perguntou ela inocentemente. — De entre toda a tripulação, seria o último que eu esperaria que se atrasasse.

— Não deve ter acordado com o despertador — respondeu Janos Tabori, afastando a sua cadeira desdobrável da mesa. — Vou chamá-lo.

Quando Janos regressou um minuto mais tarde estava perplexo.

— Não estava lá — contou, encolhendo os ombros. — Deve ter ido dar uma volta.

Nicole des Jardins sentiu de imediato um aperto no estômago. Levantou-se abruptamente sem terminar o pequeno-almoço.

— É melhor irmos procurá-lo — disse ela, sem disfarçar a sua preocupação —, ou ele não estará pronto quando partirmos.

Todos os outros cosmonautas repararam na inquietação de Nicole.

— O que se passa aqui? — quis saber Richard Wakefield, bem-disposto. — Um dos nossos cientistas vai dar um passeio matinal sozinho e a médica da companhia entra em pânico? — Ele ligou o rádio. — Olá, Dr. Takagishi, onde quer que estejas. Daqui fala o Wakefield. Podes dizer-nos, por favor, que estás bem para podermos terminar o nosso pequeno-almoço?

Seguiu-se um prolongado silêncio. Todos os membros da tripulação

sabiam que era uma exigência absolutamente obrigatória andar sempre com um comunicador. Era possível optar por desligar a capacidade de transmissão, mas desse por onde desse teria sempre de ser possível escutar.

— Takagishi-san — falou a seguir Nicole com uma voz ansiosa. — Está tudo bem? Por favor, responde. — Durante o extenso silêncio, a impressão no estômago de Nicole transformou-se num grande nó. Acontecera algo terrível ao seu amigo.

— Já lhe expliquei isto duas vezes, Dr. Maxwell — disse, desesperado, David Brown —, não faz sentido evacuar parte da tripulação. A forma mais eficaz de procurar o Dr. Takagishi é utilizando todo o pessoal. Assim que o encontrarmos abandonamos Rama rapidamente. E para responder à sua última pergunta, não, isto não se trata de uma artimanha da parte da tripulação para evitar obedecer à ordem de evacuação.

Ele virou-se para o almirante Heilmann e entregou-lhe o microfone.

— Caramba, Otto — murmurou —, fale você com o estúpido do burocrata. Ele acha que pode comandar esta missão melhor do que nós, mesmo estando a cem milhões de quilómetros de distância.

— Dr. Maxwell, daqui fala o almirante Heilmann. Concordo em absoluto com o Dr. Brown. Seja como for, não podemos efetivamente discutir com tanto tempo de *delay*. Vamos seguir em frente com o nosso plano. O cosmonauta Tabori fica aqui comigo em Beta a empacotar todo o material pesado, incluindo o biótico. Eu coordeno a busca. O Brown, a Sabatini e a Des Jardins atravessam o gelo até Nova Iorque, o destino mais provável do professor, se seguiu caminho pelos próprios meios. O Wakefield, a Turgenyev e o Yamanaka procuram-no a partir dos helicópteros.

Ele fez uma breve pausa.

— Não é necessário que respondam apressadamente a esta transmissão. A busca já terá sido iniciada antes da chegada da vossa próxima mensagem.

De regresso à sua cabana, Nicole empacotou cuidadosamente o seu material médico. Censurou-se por não ter previsto que Takagishi poderia tentar visitar Nova Iorque uma derradeira vez. *Cometeste outro erro*, disse Nicole para si mesma. *O mínimo que podes fazer é assegurar que estás preparada quando o encontrares.*

Conhecia de cor o procedimento de acondicionamento pessoal. Ainda assim, poupou nas suas provisões de comida e água para assegurar

que levava tudo o que um ferido ou doente Takagishi pudesse precisar. Nicole nutria sentimentos mistos em relação aos seus dois companheiros na busca pelo cientista nipónico, mas nunca lhe ocorreu que esta formação tivesse sido propositadamente agrupada. Toda a gente conhecia o fascínio de Takagishi por Nova Iorque. Tendo em conta as circunstâncias, não surpreendia que Brown e Sabatini a acompanhassem na busca inicial à área.

Imediatamente antes de Nicole sair da cabana, viu Richard Wakefield à sua porta.

— Posso entrar? — perguntou ele.

— Claro — respondeu-lhe.

Ele avançou com uma insegurança nada típica, como se se sentisse confuso ou embaraçado.

— O que se passa? — perguntou Nicole após um incómodo silêncio.

Ele sorriu.

— Bem — disse acanhadamente —, ainda há uns minutos, pareceu-me boa ideia. Agora, parece-me um pouco estúpido… talvez até infantil. — Nicole reparou que ele segurava algo na mão direita. — Trouxe-te uma coisa — prosseguiu ele. — Um amuleto da sorte, acho. Pensei que poderias levá-lo contigo até Nova Iorque.

O cosmonauta Wakefield abriu a mão. Nicole reconheceu a figura do Príncipe Hal.

— Podes dizer o que quiseres sobre heroísmo e poder de decisão, e isso tudo, mas às vezes o mais importante é um pouco de sorte.

Nicole sentiu-se surpreendentemente sensibilizada. Pegou na pequena figura que Wakefield segurava e observou com admiração os seus intrincados pormenores.

— O príncipe tem alguma característica especial sobre a qual eu deva ser avisada? — perguntou ela, sorrindo.

— Oh, sim. — Richard sentiu-se a animar. — Adora passar noites espirituosas em bares com cavaleiros gordos e outras personagens repugnantes. Ou com duques e condes combatentes renegados. Ou belas princesas francesas da corte.

Nicole corou levemente.

— Se me sentir só e quiser que o príncipe me divirta, o que devo fazer? — perguntou ela.

Richard pôs-se ao lado de Nicole e mostrou-lhe um teclado minúsculo logo acima das nádegas do Príncipe Hal.

— Ele responde a vários comandos — informou Richard, entregando-lhe um pequeno bastão do tamanho de um alfinete. — Isto encaixa na perfeição em qualquer das ranhuras. Experimenta «F» para falar ou «A» para ação, se quiseres que ele mostre o seu material.

Nicole guardou o principezinho e o bastão no bolso do fato de voo.

— Obrigada, Richard — disse ela —, é muito querido.

Wakefield ficou embaraçado.

— Bem, sabes, não é grande coisa. É só que tivemos uma onda de azar e achei que talvez…

— Uma vez mais, obrigada — interrompeu Nicole. — Agradeço a preocupação.

Saíram juntos da cabana dela.

CAPÍTULO
TRINTA E QUATRO

Companhias Estranhas

O Dr. David Brown era o tipo de cientista ausente, que não apreciava nem confiava em máquinas. A maioria dos seus artigos publicados tinham por tema assuntos teóricos por ele detestar a formalidade e o detalhe da ciência empírica. Os empiristas tinham de competir com a instrumentação e, ainda pior, com os engenheiros. O Dr. Brown considerava todos os engenheiros nada mais do que carpinteiros e canalizadores pretensiosos. Tolerava a existência deles apenas por uns quantos serem necessários na eventualidade de ter de provar as suas teorias com verdadeiros dados.

Quando Nicole fez inocentemente umas perguntas simples ao Dr. Brown sobre o funcionamento dos gelomóveis, Francesca não conteve uma risada.

— Ele não faz a mínima ideia — respondeu a jornalista italiana — e não podia estar a marimbar-se mais. Acreditas que o homem nem sequer sabe conduzir um carrinho elétrico? Vi-o a olhar para um robô processador de comida durante mais de trinta minutos, a tentar descobrir infrutiferamente como funcionava. Se ninguém o ajudasse, morreria à fome.

— Vá lá, Francesca — reagiu Nicole enquanto elas se instalavam no assento dianteiro do gelomóvel —, ele não pode ser assim tão mau. Afinal, tem de utilizar todos os computadores e aparelhos de comunicações da

tripulação, assim como o sistema de processamento de imagem a bordo da *Newton*. Por isso, só podes estar a exagerar.

O tom da conversa era leve e inofensivo. O Dr. Brown afundou-se no assento traseiro e suspirou.

— Por certo que duas mulheres tão extraordinárias terão assuntos mais importantes a discutir. Se não for o caso, talvez me possam explicar porque é que um cientista japonês lunático abandona o acampamento a meio da noite.

— Segundo o assistente do Maxwell, aquela nulidade lambe-botas do Mills, muita gente na Terra acha que o nosso querido doutor japonês foi raptado pelos ramanos.

— Vá lá, Francesca, sejamos sérios. Porque é que o Dr. Takagishi haveria de decidir sair sozinho?

— Tenho a impressão — disse calmamente Nicole — de que ele estava impaciente com a agenda do processo de exploração. Sabem bem como acreditava fervorosamente na importância de Nova Iorque. Depois do incidente do Wilson… bem, ele ficou com a certeza absoluta de que seria ordenada uma evacuação. Quando regressássemos ao interior, *se* regressássemos, o Mar Cilíndrico poderia ter derretido e seria mais difícil alcançar Nova Iorque.

A sinceridade natural de Nicole incitava-a a revelar a Brown e Sabatini os problemas cardíacos de Takagishi. Mas a sua intuição indicou-lhe que não confiasse nos seus companheiros.

— Ele não parece do tipo de ser dado a precipitações — dizia entretanto o Dr. Brown. — Será que ouviu ou viu algo?

— Talvez estivesse com dores de cabeça ou por algum motivo não conseguisse dormir — pôs-se a adivinhar Francesca. — O Reggie Wilson costumava ir dar umas voltas à noite quando a cabeça o incomodava.

David Brown inclinou-se para a frente.

— Já agora — disse ele a Nicole —, a Francesca contou-me que achas que a instabilidade do Wilson poderá ter sido exacerbada pelos comprimidos para as dores de cabeça que ele tomava. Tu pareces conhecer bem os teus medicamentos. Fiquei muito impressionado com a rapidez com que identificaste o tipo específico de comprimido para dormir que eu tomei.

— Por falar em medicamentos — acrescentou Francesca ao fim de uma breve pausa —, o Janos Tabori referiu algo sobre uma discussão que

teve contigo sobre a morte do Borzov. Posso não ter entendido bem, mas pareceu-me que ele disse que acreditavas que poderia estar envolvida uma reação a um medicamento.

Conduziam com firmeza sobre o gelo. A conversa mantivera-se num tom equilibrado, aparentemente descontraído. Não havia razões evidentes para desconfianças. *Ainda assim*, disse Nicole para si mesma enquanto preparava uma resposta às apreciações de Francesca, *estes dois últimos comentários pareceram demasiadamente macios. Quase ensaiados.* Virou-se para David Brown. Ela desconfiava de que Francesca seria capaz de disfarçar sem grande esforço, mas Nicole estava certa de que seria capaz de perceber pelas expressões faciais do Dr. Brown se as perguntas eram ou não ensaiadas. Ele contorceu-se um pouco sob o olhar inflexível dela.

— Eu e o cosmonauta Tabori estávamos a conversar sobre o general Borzov e começámos a especular sobre o que poderia ter causado a sua dor — disse suavemente Nicole. — A verdade é que o apêndice dele estava completamente saudável, por isso algo diferente terá sido responsável pelo seu profundo desconforto. Durante a nossa conversa, mencionei ao Janos que uma reação adversa a um medicamento deveria ser levada em conta. Não foi uma declaração perentória.

O Dr. Brown pareceu aliviado e mudou imediatamente de assunto. No entanto, a declaração de Nicole não satisfez Francesca. *A não ser que esteja enganada, a nossa senhora jornalista ainda tem mais perguntas*, refletiu Nicole. *Mas ela não vai lançá-las agora.* Observou Francesca e percebeu que a italiana não prestava atenção ao monólogo do Dr. Brown no assento traseiro. Enquanto ele discutia a reação na Terra à morte de Wilson, Francesca seguia mergulhada nos seus pensamentos. Seguiu-se um pequeno momento de silêncio depois de Brown ter terminado o seu comentário. Nicole espreitou em volta para os quilómetros de gelo, para os imponentes penhascos nas margens do Mar Cilíndrico e para os arranha-céus de Nova Iorque diante dela. Rama era um mundo glorioso. Sentiu uma breve pontada de culpa pela sua desconfiança face a Francesca e ao Dr. Brown. *É uma pena que os humanos nunca sejam capazes de puxar todos na mesma direção*, disse Nicole para si mesma. *Nem sequer quando confrontados com o infinito.*

— Nem imagino como conseguiste — disse Francesca, rompendo de repente o silêncio. Virara-se para se dirigir a Nicole. — Mesmo ao fim de

tanto tempo, nem sequer os tabloides *on line* têm uma pista legítima. E não é preciso ser um génio para perceber quando terá ocorrido.

O Dr. Brown estava completamente à nora.

— Do que diabo estás para aí a falar? — questionou ele.

— Da nossa famosa oficial de ciência da vida — esclareceu Francesca. — Não achas fascinante que, depois de tanto tempo, ainda seja desconhecida do grande público a identidade do pai da filha dela?

— *Signora* Sabatini — disse de pronto Nicole, passando a falar italiano —, tal como te disse antes, não tens nada que ver com isso. Não vou tolerar esse tipo de intrusão nos meus assuntos privados…

— Só queria recordar-te, Nicole — interrompeu rapidamente Francesca, também em italiano —, que tens segredos que podes não querer ver expostos.

David Brown pestanejou inexpressivamente para as duas mulheres. Não entendera uma única palavra da última parte da conversa e ficou baralhado com a notória tensão.

— Então, David — disse ela num tom condescendente —, estavas a falar-nos do estado de espírito na Terra. Achas que vão ordenar o nosso regresso a casa? Ou vamos pura e simplesmente abortar esta incursão em particular?

— O Conselho Executivo do CDG foi convocado para uma sessão especial para mais tarde nesta semana — respondeu ele após uma hesitação, ainda baralhado. — O Dr. Maxwell de momento acha que nos vão dizer para abandonar o projeto.

— Essa seria uma típica reação exagerada de um grupo de funcionários governamentais, cujo objetivo principal sempre foi minimizar o risco. Pela primeira vez na história, seres humanos adequadamente preparados exploram o interior de um veículo construído por outra inteligência. Mas, na Terra, os políticos continuam a agir como se nada de invulgar se passasse. Não têm qualquer tipo de visão. Espantoso.

Nicole des Jardins não prestou atenção ao resto da conversa de Francesca com o Dr. Brown. A sua mente ainda estava focada na anterior troca de palavras delas. *Ela deve achar que tenho provas das drogas no organismo do Borzov*, pensou Nicole. *Não há outra explicação possível para a ameaça.*

Quando alcançaram o limite do gelo, Francesca passou dez minutos a

programar a câmara-robô e o equipamento de som para uma sequência a mostrar os três a prepararem a busca na cidade alienígena pelo seu companheiro desaparecido. As queixas de Nicole ao Dr. Brown pelo desperdício de tempo caíram em saco roto. No entanto, conseguiu mostrar todo o aborrecimento com o sucedido ao recusar participar na sequência de vídeo. Enquanto Francesca concluía os seus preparativos, Nicole subiu a escadaria vizinha e observou os espantosos arranha-céus da cidade, atrás e abaixo dela. Nicole ouviu Francesca invocar o drama do momento aos milhões de espectadores na Terra.

— Eis-me aqui na periferia da misteriosa cidade insular de Nova Iorque. Foi muito perto deste exato local que eu, o Dr. Takagishi e o cosmonauta Wakefield ouvimos uns sons estranhos ainda esta semana. Temos motivos para desconfiar que Nova Iorque poderá ter sido o destino do professor quando abandonou na noite passada o acampamento Beta, para efetuar uma exploração solitária não autorizada… O que terá acontecido ao professor? Porque não responde quando ligamos pelo *commpak*? Ontem ele testemunhou uma terrível tragédia quando o jornalista Reggie Wilson, arriscando a própria vida para salvar esta repórter, ficou preso no *rover* e foi incapaz de escapar às tenazes poderosas dos caranguejos bióticos. Terá o especialista em Rama sido sujeito a um mesmo tipo de destino? Será que os extraterrestres que construíram este espantoso veículo há uma eternidade criaram uma armadilha sofisticada concebida para dominar e, em última instância, destruir quaisquer visitantes inocentes? Não sabemos ao certo, mas…

Do seu ponto de observação privilegiado no cimo da muralha, Nicole tentou ignorar Francesca e imaginar em que direção poderia ter seguido o Dr. Takagishi. Consultou os mapas armazenados no seu computador de bolso. *Ele teria seguido na direção do exato centro geométrico da cidade*, concluiu ela. *Estava convencido de que a geometria tinha algum significado.*